

A VOZ DE MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.e JÚLIO HILARIÃO VAZ



Redacção e Administração provisórias: Residência paroquial de Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada.» — Braga
A V EN Ç A



Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00
ANO IV

MELGAÇO, 15 de Maio de 1950

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 54

Expira a concessão feita pela Junta de Colonização Interna ao Agricultor da

Serra da Peneda

É tempo de os responsáveis estudarem o assunto para bem da Agricultura e da Região

Vai expirar a concessão feita há anos ao Agricultor da Serra da Peneda, e a Junta de Colonização Interna quer dar realidade ao espírito da lei que regula tais concessões.

Durante anos a exploração foi entregue a um particular que à nossa terra e à nossa gente trouxe algumas e oportunas vantagens, como sejam:

a) os salários pagos;
b) a estrada feita por sua conta;

c) uma marca de semente de batata, já creditada no mercado.

«A Voz de Melgaço» que não é faciosa e só se pronuncia diante dos factos, vendo estes reconhece-os, mas não pode calar a censura a alguns desmarcos. Louvar não obsta a que se critique.

E, entre outras, referiu-se-lhe em 15 de Setembro e 15 de Outubro de 1947, e em 15 de Julho e 1 de Novembro de 1948.

Nesta última vez fizemo-lo com mais desasombro pela pena do nosso inteligente e honesto correspondente da Gave, José Maria Rodrigues, de quem fomos professor no Seminário de Braga e de quem o Colégio de professores dizia ser uma inteligência rara, tão brilhante ela era.

Recordamo-nos de que essa correspondência deu eco na serra e os trabalhadores escutaram-nos por que alguém estava com eles, sem interesses nem subserviências na defesa dos seus legítimos direitos.

Pois se tínhamos razão?

Há tempos conversávamos com um jovem agrónomo da J. C. I.

— Sabe que vai terminar a concessão ao Sr. Vasconcelos...

— E depois?

— Depois, só isto: os

proprietários da serra é que têm de cuidar da exploração daquele todo em pequenas parcelas. A Junta de Colonização Interna sabe muito bem que a intenção do (legislador e o espírito da lei) é servir estes proprietários e não um explorador.

Estas concessões, mesmo, são sobretudo ao serviço da região em que se encontram e não do particular que a explora, embora também não possa perder.

Como é sempre muito

(Continua na 4.ª página)

Novos assinantes

Deram-nos a honra de assinarem o nosso jornal os Srs. Dr. Artur Anselmo e Abílio Carlos Rodrigues. Muito obrigado.

Um século de história do concelho

O Livro das visitas do Mosteiro de Fiães desde 1670 a 1780

Sumariado o espólio do convento no que diz respeito a documentos, resta-nos fazer algumas sondagens em busca de elementos que nos ajudem a recolher episódios para a história do concelho.

De 3 em 3 anos para alguns mosteiros (não sei se para todos) havia visita do representante da autoridade central que observava o andamento da disciplina, a maneira como estavam a ser cumpridas as regras e investigava acerca dos rendimentos da casa.

Estes livros oferecem-nos notas interessantíssimas para a história local, mais importante ainda quando ligada à geral.

(Continua na 3.ª página)

Senhor Arcebispo Primaz

No passada dia cinco ocorreu mais um aniversário do nosso Venerando Prelado o Senhor Arcebispo Primaz, data esta que toda a vasta e cristianíssima Arquidiocese celebrou festivamente.

A Voz de Melgaço inter pretando o sentir de todos os melgaçosenses católicos beijou respeitosamente o anel do seu Venerando Prelado a quem deve muitas provas de apreço e simpatia e pede a Deus que esta data se repita por muitos anos.

Foram premiados

dois exemplares caninos do Castro Laboreiro

Efectuou-se recentemente em Lisboa uma exposição canina. O primeiro prémio «Presidência da República» coube a dois belos exemplares de Castro Laboreiro.

Não haverá processo de proteger esta raça—tão fiel e tão valente—que está prestes a desaparecer?

Que é isto?

...Foi uma quinzena de vida!

Ali em Viana do Castelo uma enorme multidão de crentes como nunca naquela cidade se vira, aclamou a Mãe de Deus, ao passar pelas ruas a veneranda imagem da Senhora de Fátima.

— Nunca rainha alguma teve em Viana uma recepção assim!

Estavam presentes as Autoridades!

...

Em Fátima, sob a direcção do grande mestre, e impulsor do movimento operário católico do mundo inteiro, o Cônego Cardyn, reuniram as delegações dos operários católicos do país.

Em todos os recantos do país há células organizadas de amor, de vida, de conquista!

Fátima, terra de Fé!

...

No Porto, de 27 a 30 de Abril, um grandioso Congresso Catequístico. Mais de 20.000 crianças. Preside o Eminentíssimo Cardeal Patriarca; assistem os Prelados do Norte e as Autoridades, muitos Professores e intelectuais.

Intensa vida católica!

...

Em Lisboa de 4 a 7 de Maio, o grandioso Congresso da Juventude Independente Católica Feminina. SEIS MIL RAPARIGAS!

Seis mil comunhões na própria praça do Império, diante dos Ministérios.

A presença das mais altas figuras do mundo do capital, do trabalho, da cultura.

(Continua na 4.ª página)

Padre Albertino NO PORTO

Celebrou há dias a sua missa nova o nosso ilustre conterrâneo P.e Albertino Pereira, secretário de S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo. Escolheu a vila de Melgaço para a sua melhor festa, o que muito nos diz do seu amor à sede do concelho.

Foram muitos os convidados e amigos que se associaram à festa do sr. P.e Albertino. Pre. ou o rev. P.e Júlio Vaz, nosso Director.

O rev. do P.e Albertino foi o último dos alunos do saudoso P.e João Vaz, da Adedela, por cuja escola passaram muitos estudantes que hoje ocupam altos cargos no país.

Beijamos respeitosamente a mão do querido Amigo e desejamos-lhe mil venturas.

No congresso catequístico do Porto, a que assistiram vários prelados como sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, tomou parte activa o nosso ilustre conterrâneo Professor José Lobato de Sousa Júnior, muito digno Director Escolar daquele distrito com uma tese que apresentou sobre o tema:

«O preceito concordatário (do ensino de doutrina nas escolas) e a sua aplicação. O papel do Padre e do Professor do ensino primário». Esta tese mereceu os mais vivos elogios de S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo de Bragança que presidiu à sessão.

Felicitemos vivamente o nosso querido conterrâneo e assinante.

PELA NOSSA TERRA...

DA VILA E ALDEIAS

O TEMPO E A AGRICULTURA

Continua o tempo favorável para a agricultura, embora as noites tenham decorrido um tanto ou quanto frias. Se chovesse... nesta ocasião seria oiro sob o azul.

Procede-se às sementeiras de milho e feijão nas terras de lima com a regularidade dos anos anteriores.

Tal como no ano transacto, há muitas cejas e as demais culturas prometem abundante colheita. Assim Deus o permita.

ABASTECIMENTO DE AGUA À VILA

Já quase todas as casas desta vila tem água canalizada. A pressão, segundo nos informam, é boa e o caudal que alimenta o reservatório, para já, excede as necessidades dos consumidores.

Para cobrador das mensalidades foi nomeado o nosso amigo sr. Alberto Barros de Sousa, a quem enviamos muitos parabéns.

MERCADO SEMANAL

Tem sido regularmente concorridos os mercados semanais realizados nesta vila, embora as transacções efectuadas nem sempre correspondam ao movimento dos mesmos.

Em 6 do corrente tivemos apenas, um pouco mais:

Centeio a \$4500 o alqueire de 30 litros; batatas a 2\$20, o quilo; cebolas novas a 1\$50 a mançua; galos, galinhas, e frangos a partir de 30, 25 e 15\$00 cada, respectivamente; e ovos a 7\$50 a dúzia.

Num dos mercados do mês findo, estiveram expostas ao público algumas bombas para rega, a motor de explosão. Bom é que os nossos lavradores se habituem ao seu uso, para maior rendimento das suas terras.

FALECIMENTO

Na sua casa de residência, sítio no Largo Herme negildo Solheiro, faleceu em 24 do mês findo, a sr. D. Isaura Laçate de Sousa, de 68 anos de idade, mãe amantíssima do nosso particular amigo sr. Júlio Cesar de Sousa, conceituado industrial de barbeaia desta vila.

O seu funeral, que se realizou no dia seguinte, constituiu uma verdadeira manifestação de pesar e sentimento, pois a saudosa extinta era aqui muito estimada.

A toda a família enlutada, em especial aquele nosso amigo, «A Voz de Melgaço» apresenta a seu carão de sentidos pésames.

LEGIÃO PORTUGUESA

Em 23 do mês findo, realizaram-se nesta vila exercícios de conjunto com os núcleos de Cerveira, S. Pedro da Torre, Melgaço, Monção e Valença, os quais constituirão um Terço que tomará parte na parada e concentração de todas as forças do País, a realizar em Lisboa no próximo 28 de Maio.

G. N. R.

Em 2 do corrente, todo o efectivo das praças da G. N. R. que prestava serviço no posto desta vila regressou à base.

Parece que não será brevemente substituído.

SOPA DOS POBRES

Numa pequena mas, comovedora e significativa, festa de homenagem à bondosa Madre Directora do nosso Hospital, foi inaugurada, em 26 do mês findo, a *Sopa dos Pobres* no Hospital da Santa Casa.

Esta altruista iniciativa, que se deve—pode afirmar-se—à referida Senhora Directora, há-de constituir um pesado fardo para a Mesa da Confraria (30 refeições diárias) e certamente, não vingará por largo tempo se todos os melgacenses que possuem algo de superfluo — e tantos há em Melgaço nestas condições! — lhe não dispensarem as suas sepefluosidades.

Melgacenses! — auxiliemos todos, pois, a *Sopa dos Pobres* da nossa Santa Casa!

FEIRA QUINZENAL DE PADERNE

Teve enorme afluência de gado bovino a feira quinzenal realizada no pretérito dia 3 na vizinha freguesia de Paderne. De maneira geral todos os espécimens se mostravam bem nutridos; porém as transacções efectuadas na mesma foram quase nulas.

Muitos vendedores e não apenas compradores. Assim... a situação dos criadores de gado é deves ras augustosa.

FESTIVIDADES

Na próxima quinta-feira, dia 18, realizar-se-á nesta vila a tradicional festa em honra da Ascensão de Nosso Senhor. De manhã haverá missa-solene e sermão na Matriz, após o que sairá uma magestosa procissão para a histórica capela da Orada, devendo a mesma regressar ao sol-pôr.

Também nesta vila terá lugar no próximo dia 14 uma brilhante festividade em honra de N.ª S.ª de Fátima, cuja veneranda imagem, que se venera na nossa Matriz, será nesse dia coroada.

Esta festa será abrilhantada pela distinta Banda dos B. V. de Melgaço.

SAVEIS

Tem sido pescados bastantes sáveis nestes últimos dias no nosso rio. O seu preço de venda tem regulado entre 8 e 10\$00 o quilo.

Ruças, 9

No passado sábado uniram-se em matrimónio na igreja paroquial desta freguesia António José Domingues, da Vinha de Cima, e Maria José Esteves, da Carreira. O acto esteve muito concorrido. Parabéns aos noivos.

Partiu para Lisboa Manuel Fernandes de Sousa, do lugar da Aldeia, onde está colocado. Boa viagem.

No passado dia 30, do mês de Abril, foi baptizado nesta freguesia com o nome de Manuel, um filho de António Manuel Gomes e Maria Rosa Fernandes, do lugar da Eira.

No próximo dia 19, começa a novena de Santa Rita, na sua capelinha, como preparação da festa.

O tempo vai muito quente, pelo que muitos tem regado os seus centeios e batatas.

Continuam a fazer las...

Penso, 8

No dia 29 de Abril celebrou o seu casamento a prendada menina Maria Luiza da Rocha com o Sr. Vasco Abagão.

Presidiu o nosso estimado pároco, padre Artur de Almeida, que proferiu uma formozíssima alocução. Dedois do lauto copo de água, oferecido em casa dos pais da noiva, os jovens casados seguiram em viagem de núpcias para o sul.

Vindo do Brasil, em contra-se entre nós e de visita a sua estremosa Mãe o Sr. António Fernandes Mateus, acompanhado de sua Ex.ma Esposa e filhos.

Com sua querida Esposa, filho e nora, vindo de Lisboa, encontra-se entre nós, o Sr. Evaristo Domingues.

No dia 1 de Maio a Ex.ma Senhora D. Marcelina Azevedo deu uma queda, tendo fracturado um braço. Estimamos as 24 horas.

O Sr. Raul Rocha iniciou no dia 8 do corrente a construção da estrada, pelo monte, até Casalmaninho.

Com sua estremosa esposa e filhinhas, esteve durante alguns dias entre nós o Sr. Dr. Bernardino Pereira Bernardes.—C.

S. Pato, 9

Está para breve o aparecimento do surpreendente programa da festividade em honra do apóstolo S.ºto André que se venera na sua vetusta capelinha, erecta num dos pontos mais vistosos desta freguesia. Será abrilhantada por uma afamada banda de música.

Chegam-nos brados aflitivos de todos os lugares desta freguesia para que façamos ver, por este meio, ao Senhor Delegado de Saúde que o cemitério paroquial está a transformar-se num verdadeiro depósito de água que está prejudcando bastante a decomposição dos corpos, e que ao mesmo tempo pedisemos providências urgentes que S. Ex.ª não deixará de atender. Assim o pedimos.—(C.)

Prado, 9

Retirou para Lisboa, o sr. José Lourenço Gomes de Sousa.

Também seguiu para a mesma cidade o sr. Emílio de Castro, da Corredoura.

Tivemos a subida honra de cumprimentar nesta freguesia o nosso querido amigo e distinto colaborador deste quinzenário sr. Bernardo Pintor.

Foi exonerado de gerente da Empresa das Águas de Peso (V.M.P.S.) o sr. G. Spar de Figueiredo.

Acha-se bastante mal de saúde a sr. Maria Gonçalves, do Souto, mãe das sras. Vera e Adelaide Gonçalves.

Também o nosso estimado tio, sr. António Soares, passa doente. A ambos desejamos rápido e completo restabelecimento.

Tem sido muito concorridas as novenas do Mês de Maria na nossa Igreja Paroquial.

Em 5 do corrente teve o seu epílogo o pleito que há tempos se vinha arastando no Tribunal desta comarca, entre o sr. Francisco Esteves, cambista, da vizinha vila de Monção, e o nosso particular amigo sr. José Maria Pereira, probo comerciante e considerado proprietário deste comcelho, que foi defendido pelo talentoso causidico sr. dr. Danças Carneiro, de Caminha.

Saíu vencedor deste pleito o sr. José Maria Pereira, motivo porque daqui lhe endereçamos sinceras felicitações.

Vindo de Orense, Espanha, esteve nesta freguesia o nosso amigo Adriano Augusto Gomes.—C.

Cristóval, 1

Partiu no dia 12 de Abril para o Porto, onde reside, o sr. Dr. José Gomes, distinto médico, acompanhado de sua Ex.ma Esposa D. Puzza Gilda Rodrigues Gomes.

Depois de haver gozado 30 dias de licença, em companhia de sua família, partiu no dia 17, do mesmo mês, para Penafiel, onde faz serviço militar, António Augusto Nunes.

Regressou ao Porto, depois de uns dias em...

deixar de atender. Assim o pedimos.—(C.)

Um século de História

(Continuação da 1.ª página)

Lendo passagens do livro de Ganfel, ali dos beneditinos de Valença, pude saber da pilhagem exercida pelos franceses a quando das invasões e colhi notáveis elementos para a entrada dos exércitos napoleónicos em Chaves e Braga.

Lendo o de Tibães, pude averiguar quais os reflexos dessas mesmas invasões no andamento geral da ordem em Portugal.

Este livro de Fiães, com tratar de matéria diferente, é manancial rico de elementos para a história local, como veremos.

ALGUMAS NOTAS AO ACASO

Reza assim o frontespício: «Livro de Admoestações (não se lê a seguir...) visitação do Couto deste Mosteiro de S.ª M.ª de Fiães, feito no triénio (?) do muito Rev. do P. D. Abade Frei Baltazar de S. Tiago, ano de 1670».

Como disse, o livro diz respeito não apenas ao triénio de 1670-1673, mas vai até ao ano de 1780.

E ainda bem: se poucos elementos de história local nos oferecesse, tínhamos pelo menos a oportunidade de ficar a conhecer a lista dos Abades do convento desde 1670 a 1780 — mais dum século!

Em geral, trata de chamar à ordem as pessoas que vivem desregradadamente, ameaçando-as com castigos e aplicando-lhes sempre multas em dinheiro.

Um exemplo: «Aos 14 dias do mês de Abril de 1670 apareceu Manuel Pires de Porto-Carreiro diante do M.º Rev. do Abade P. Frei Baltazar de S. Tiago a quem se repreendeu por andar amancebado com Maria Afonso, filha de Leonor Esteves da Lapela, de quem teve 2 filhos.

Que nunca mais entre em casa dela nem ela na dele nem pratiquem actos vergonhosos a occultas sob pena de condenação dobrada e 1 mês de Aljube.

Condenado em 400 reis. Assinam Frei Alberto Aranha, escrivão do visitador, e o Ir.º Manuel Pires.

Outro exemplo: Domingos do Rego, da Jugaria, é repreendido por má língua, aconselhado a emenda sob pena de condenação no dobro e 160 reis de multa por ser pobre.

Outros casos dizem respeito a promessas de casamento ou contractos matrimoniais.

QUAL A EXTENSÃO DO COUTO?

Em 1696, sendo Abade de Fiães Inácio da Purificação, escrevia o secretário do visitador... «a quem (ao abade de Fiães) in solidum pertence toda a jurisdicção espiritual e isenta e quase episcopal sobre todos os moradores destes seus coutos, a saber, Fiães, Assureira, Lapela».

Aparecem testemunhas de longe: Manuel Ferreira, de S. João de Tarouca (como foi ali parar?) e Domingos Salgado, de Roças (Roças, repare-se) Melgaço. Este nome familiar seria de algum meu antepassado?

Veremos se o tempo dá para forragear notas de interesse nestes e noutros livros, que o leitor irá lendo se tiver paciência.

A. Luís Vaz

Por causa da Leite e do Peixe

«Os lavradores deixaram de trazer leite à vila por as autoridades lhes exigirem bilhetes de identidade e certos impostos ou contribuição. A venda do leite não dá, porém, para esses encargos e, como os lavradores não queriam ir para a cadeia, resolveram deixar de trazer leite.

Ora, aqui não há leitarias nem leiteiros; são os próprios lavradores que vêm à vila vender o leite das suas vacas. Na sua maior parte são lavradores caseiros e extremamente pobres. Alguns apenas vendem um ou dois litros de leite o que não lhes dá para nada, como é natural.

Assim, também a população da vila é prejudicada. Urge, pois, ver o problema, inteligentemente e sem descurar os interesses de cada um.

— Com o peixe que vem de Espanha foi criada uma nova modalidade de despachos ou impostos que, dizem, vai de 1\$60 a 1\$80 o quilo.

Resultado: o chicharro que se vendia a 4\$00 passou para 6 cada quilol.

Cartas ao Director

Recebemos uma carta de alguém se dis assinante do nosso jornal.

Como, porém, a carta não é assinada e não indica direcção alguma, nem publicamos nem respondemos ao interessado.

Digne-se o autor da carta fornecer-nos elementos de identificação.

J. V.

SOCIEDADE

ANIVERSARIO

Faz ano: no próximo dia 31 a sr.ª D. Amabéllia da Cunha Martins Rodrigues, a quem «A Voz de Melgaço» apresenta o seu cartão de parabens.

P. S. — Aos nossos estima dos assinantes que ainda nos não tenham enviado as datas festivas de suas casas, rogamos a fineza de nos la remeter, da maneira que lhes parecer mais conveniente, para a Residência Paroquial de Melgaço.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Esteve aqui de visita às minas de ouro da Aguireira o sr. Ressoano Garcia, muito digno proprietário das mesmas.

— De Lisboa, onde foi submetido a uma melindrosa operação Cirúrgica, que, felizmente, decorreu com êxito, regressou a sua casa do Portela de Chavizes o nosso bom amigo sr. Anibal José Alves. Ao querido amigo enviamos muitas felicitações.

— Depois de ter passado algum tempo entre nós, regressou ao seu múnus o sr. Capitão Abel Durães.

— Vindo de Lisboa, em contra-se em Remoães a gozar merecidas férias, o sr. José de Jesus Domingues, inteligente soldado da G. N. R. naquela cidade.

Cristoval, 1

(Continuação da 2.ª página)

companhia de sua estremo sa mãe, o sr. Abílio Carlos Rodrigues.

A todos desejamos que fizessem boa viagem.

No dia 18 de Abril chegou a S. Gregório, vindo de Tanger, onde se estabeleceu comercialmente o nosso amigo Alexandre António Lopes, a quem apresentamos os nossos cumprimentos com votos de muita felicidade.

Por causa da leite e do peixe

Tribuna

de eloquência...

O «Primeiro de Janeiro» de 1 de Maio de 1950 inseriu os períodos incisivos que transcrevemos respeitosamente:

«Os lavradores deixaram de trazer leite à vila por as autoridades lhes exigirem bilhetes de identidade e certos impostos ou contribuição. A venda do leite não dá, porém, para esses encargos e, como os lavradores não queriam ir para a cadeia, resolveram deixar de trazer leite.

Ora, aqui não há leitarias nem leiteiros; são os próprios lavradores que vêm à vila vender o leite das suas vacas. Na sua maior parte são lavradores caseiros e extremamente pobres. Alguns apenas vendem um ou dois litros de leite o que não lhes dá para nada, como é natural.

Assim, também a população da vila é prejudicada.

Urge, pois, ver o problema, inteligentemente e sem descurar os interesses de cada um.

— Com o peixe que vem de Espanha foi criada uma nova modalidade de despachos ou impostos que, dizem, vai de 1\$60 a 1\$80 o quilo.

Resultado: o chicharro que se vendia a 4\$00 passou para 6 cada quilol.

O Parlamento e os impostos sobre o carro de trabalho

Na primeira legislatura que findou há pouco o deputado padre Manuel Domingues Basto, natural de Monção, disse no Parlamento:

«Pedi eu ao Governo, e determinadamente ao Sr. Sr. Ministro das Finanças, um pouco mais de paciência em favor dos pobres rurais minhotos, que, estando isentos de pagar contribuição pelo seu carro de trabalho e porque ultimamente a lei determinou que deviam reclamar esta isenção durante o mês de Janeiro — e muitos não o fizeram —, estão agora sujeitos a serem colectados como carreteiros ou a ficarem privados do seu carro de lavoura como instrumento de trabalho. Ao reforçar o pedido feito por aquele meu illustre colega eu desejaria fazer outro pedido referente a esta matéria.

A exploração ideal d propriedade e agrícola do Minho é a empresa familiar e, se esta tradição em grande parte se perdeu, a verdade é que há ainda famílias de bastantes meios que granjeiam directamente as suas terras.

A lei diz que cada família agrícola pode ter um carro de trabalho. Mas suponham V. Ex.as que o casal agrícola é um casal grande, que tem de granjear uns tantos carros de cereal e outros tantos de vinho junto da estrada, tendo, portanto, de passar com os seus carros pela estrada pública. Já fizera V. Ex.as o cálculo de quantas vezes um casal agrícola que tem de granjear trinta carros de cereal e trinta pipas de vinho precisa de transitar com o seu carro pela referida estrada?

Eu já o fiz: terá de transportar cento e cinquenta carros de mato, trezentos de estrume, trinta de cereal, noventa de palha, duzentas e quarenta dornadas de uvas e trinta pipas de vinho, ou seja oitocentos e quarenta carros, isto com um único carro de Bois.

Este casal agrícola, de duas uma: ou tem de sujeitar-se à multa ou pagar contribuição como carreteiro. E só isto por explorar directamente a terra, de a cultivar, em vez de a mandar cultivar a outro:

Há que atender ao valor de casais agrícolas que utilizam carros que devem ser isentos de impostos.

Aos nossos

assinantes

Não temos, no presente ano, enviado recibos de cobrança aos nossos presados assinantes. E fazemo-lo a fim de que todos, voluntariamente e quando o pudessem pois a crise que se avessa é espantosa, pagassem a sua assinatura.

Felizmente, muitos compreenderam o nosso desejo. Ainda faltam alguns, para por as contas em dia.

Esperamos que todos cumpram e sem de marar.



LVIII CASTRO-LABOREIRO E O SEU PELOURINHO

AO MEU ANTIGO PROFESSOR SNR. ABÍLIO DOMINGUES

Sabe o leitor o que era o pelourinho?

De variadas formas e fellos o pelourinho era a columna erguida diante do proda auto-idade como si molo do poder de jurisdicção e applicação da justiça.

Castro Laboreiro também teve o seu pelourinho, sinal de suas autonomias.

Por esse Portugal além alnda se erguem, uns humilés, outros arditicos, vários pelourinhos. Multos, porém, tiveram a mesma cu plor sorte que o de Castro-Laboreiro. Dos de algumas terras perdeu se a memoria por completo. Quem me dá noticia do pelourinho da vila de Melgaço que se tão antiga como a mãe pátria?

Dos que se demoliram como colsa sem valor, uns desceram à vala comum do cmitério que é o total esquecimento pela gente da terra dos pergaminhos do seu passaco, de outros alnda se conservem os restos mortais a que devem tributar-se honras condignas do que elles representavam para as terras que neles simbolizem. Nos pr vilégios que o andar dos tempos lhes não respeitou.

O pelourinho de Castro-Laboreiro foi data do de 1560, como se verá da sua descripção. Não sabemos qual o documento que motivou a sua execução, nem so certo quando foi que Castro Laboreiro adquiriu a sua autonomia administrativa que veio a perder nos meados do século passado.

Os forais, ou carta de fóro, nem eram exclusivamente concedidas aos municípios, nem forçosamente elevavam a essa categoria todas as terras a que se concediam. Examlnando as Inquirições vamos encontrar em alguns julgados terras com especiais privilégios concedidos pelos soberanos no sistema de fóro.

O foral concedia as regalias no mesmo expressas, que podiam ser maiores ou menores, conforme a liberalidade de quem as concedia e o fim em vista.

É duvidoso o foral de Castro Laboreiro attribuido a D. Afonso Henriques. Do de D. Sancho I apenas conhecemos o resumo apanhado nas Inquirições.

O que se lhe attribui de 1271, de D. Afonso III, não é nada de Castro Laboreiro, mas sim de Padrão, lugar da actual freguesia de Sisteio em Arcos de Val-de-Vez, que ficou a ser da Igreja de Castro.

Não foi este foral que elle vou Castro à categoria de vila, como multos pretendem. Naquelle tempo vila não tinha o significado de nossos dias. Quem esfolhear os velhos documentos encontra com frequência a palavra vila, no significação de povoação.

D. Manuel I concedeu a Castro-Laboreiro foral novo em 1513, mas do documento não se deprende, que fosse concelho ou município.

Voltemos aos pelourinhos. Além do simbolismo tinham a utilidade primitiva das justias. All eram amarrados os condenados para execução de várias sentenças. Mas vezes ficavam expostos ao escárnio do povo, outras vezes eram executados e parece que até, por vezes, sofriam all a pena de morte.

Relacionado com pelourinho como simbolo de autonomia municipal ou concelhio, resta-nos o termo pelouro pelo qual se designam os vários serviços em que se distribui a administração dos municípios alnda em nossos dias.

O P.e Carvalho da Costa, na sua *Cronographia Portuguesa* compilada nos fins do século XVIII, dá-nos conta das autoridades de Castro-Laboreiro nestes termos: «Governam-se por Câmara de dous Juizes ordinários que também servem nos Oratórios, dous Vereadores, e Procurador do Concelho, eleição trienal do povo, e pelouro a que preside o ouvidor de Barcelos». (Tomo I tratado V, capítulo VI).

Dependia pois da comarca de Barcelos, uma das seis em que se dividia a provincia de Entre Douro e Minho quando aquelle autocr, publicou a sua obra.

A organização judicial passou por muitas vicissitudes. Nos fins do século XVI Castro-Laboreiro era um dos concelhos da correição de Viana, como se vê da *Geographia Histórica de Portugal*, de Duarte Nunes de Leão.

(CONTINUA)

Bernardo Pinhor

Sá-Paços 29

No dia 26 do corrente nasceu no lugar do Governador um menino, filho de António Vieira e de Rosalina Rodrigues. No dia 28 do corrente partiu para Lisboa, Sílvio José da Ribeira, de 23 anos de idade, filho de Deolinda Pires e de João Anselmo da Ribeira.

Vindo passar a Páscoa na casa de sua familia em contram-se entre nós, D. Laurinda Pereira, do lugar de Sá e sua irmã Rosa Pereira.

Também se encontra entre nós, Ana Pires, do lugar das Granjas. Igualmente veio passara Páscoa a casa de sua familia partindo depois para o Porto, onde é escriptorário da Alfandega, Augusto Vaz, do lugar da Ferraria.—C.

Expira a concessão da Serra da Peneda

(Continuação da 1.ª página)

agradável ouvir dos responsáveis palavras de concordância com o que fazemos, não demorei um forte aperto de mão porque isso mesmo o havíamos já escrito no nosso jornal.

Mas não occultei os benefícios do Sr. Vasconcelos—os três apontados—, ainda que não calasse as deficiências existentes—que já eram conhecidas—e pedi um momento de reflexão sobre a gravidade desta transição de um explorador, com capital, para muitos, sem capital.

O assunto é importante e interessa a muitos.

A Junta de Colonização Interna quer distribuir o terreno em parcelas pelas particulares. E' este o sentido da lei.

Mas quantos obstáculos: a falta de capital, uma marca de semente de batata já prestigiada, um mercado já certo, feito nos últimos anos...

Sabemos que alguns particulares já se inscreveram para aceitarem o plano da Junta de Colonização Interna, ao findar a concessão ao Sr. Vasconcelos.

Mas haverá algum particular que possa tomar conta de qualquer parcela de tamanho razoável para explorar cientificamente?

E, se houvesse, não se respeitaria a lei: isto é para muitos e não para poucos.

A semelhança do que se passa nas casas agrícolas, onde há muitos filhos, que formam uma empresa, em vez de retalharem as terras, assim se deveria fazer na Serra da Peneda.

Também esta modalidade depara com sérios obstáculos: inveja, desconfiança, egoismo, etc.

Mas, sendo a maneira mais eficiente de se dar execução a um pensamento sério e benéfico, porque se não há de tentar?

Porque não hão-de as Juntas de freguesias estudar o assunto? Porque não hão-de ouvir os proprietários rurais? Porque se não hão-de entender mutuamente sobre uma modalidade prática? O capital, para a exploração?

Bem sei que hoje é muito difícil adquirir-lo.

Também é difícil a exploração eficiente sem um técnico.

E o Grémio da Lavoura não terá nada a fazer neste caso?

Por ventura o nosso Grémio será como alguns, cujos relatórios tenho sobre os meus olhos, que a receita é quase toda absorvida com o funcionalismo.

O Grémio da Lavoura devia antecipar-se, encora

jar, estimular, unir, aproxim.

E não merecerá uma obra de tanta importância a cooperação de quantos podemos levar àquella gente um pouco de consolação e de carinho?

E' hora de despertar para as realidades da nossa terra.

Júlio Vaz

Effemérides

Em 16 de Maio de 1914, com 64 anos de idade, faleceu na sua casa de Eiló, o dr. António Pereira de Sousa, natural da freguesia de Labruja, concelho de Ponte do Lima, mas melgacense de alma e coração, visto aqui ter vivido 37 anos, ou seja desde 1877, ano em que se formou em medicina e cirurgia na Universidade de Coimbra e foi nomeado para cá facultativo, até à data da sua morte. Era casado com D. Maria Pia Pereira de Castro, da Casa de Galvão, e irmão do dr. advogado José Pereira de Sousa, e de Francisco Pereira de Sousa, que foi contador do Juízo de Direito desta comarca, o qual em 1915 veio a casar com a viúva do seu irmão, a dita D. Maria Pia Pereira de Castro.

O dr. António Pereira de Sousa, foi o primeiro sócio-gerente e director clínico das Águas do Fêso, tendo exercido por vezes também cargo de administrador do concelho de Melgaço, com muita competência. Foi ele quem legou à Misericórdia desta vila o asilo que tem o seu nome.

Em 17 de Maio de 1916, à porta da nossa velha *Domus Municipalis*, procedeu-se à rematação para a empreitada das obras do Matakouro Municipal. Como, porém, as propostas, apresentadas não agradaram à Câmara, esta deliberou fazer as respectivas obras por conta própria, sendo encarregado das mesmas o falecido mestre Monteiro, um dos melhores canteiros que Melgaço viu nascer. A pedra para as obras do referido matakouro saiu toda, talhadinha e pronta, da celeberrima e quase inesgotável 'pedreira' das muralhas da vila.

Que é isto?

(Continuação da 1.ª página)

Preside o Sr. Cardeal. E comungam nessa hora alta de Fé, de mistura com o povo, os Srs. Ministros da Marinha, Guerra, Obras Públicas, altas patentes do Exército e da Armada!

—Foi em 1911. Afonso Costa, numa das varandas do Terreiro do Paço, gritava: «dentro de duas gerações, será acabado a religião em Portugal».

Volvidos 39 anos, naquelle mesmo local, perante uma enormíssima multidão de gente, com a presença de SEIS MIL MILITANTES da Juventude Feminina, um dos Cardeais do Império, e três Senhores Ministros, ajoelhados, reza e comunga!

Na mesma altura, em que Afonso Costa, vinha de Lisboa a Braga dizer à Igreja: «SAIBA MORRER QUEM VIVER NÃO SOUBE», em Louçado, Famalicão, um jovem Padre, precisamente quando o comboio daquelle político corria para a Roma portuguesa, um jovem Padre, diziamos, rezava a sua primeira Missa. Seria, passados 39 anos Cardeal Patriarca de Lisboa.

E em Outubro de 1910, começou a frequentar a Universidade de Coimbra um jovem estudante. Uns anos mais tarde era Professor da mesma cadeira de Afonso Costa na cidade dos doutores.

E vinte e cinco anos depois esse mesmo Professor garantia precisamente em Braga:

—NÃO DISCUTIMOS DEUS! — Era Salazar! Fátima! Acção Católica! — PORTUGAL.

A VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.º JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência parquial de Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00
ANO IV

MELGAÇO, 1 de Maio de 1950

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 23

Mais um passo!

As nossas riquezas de arte

Nas colunas do nosso jornal, com o mesmo entusiasmo de sempre, com a ardorosa convicção de quem está no bom caminho, temos luçado pelo engrandecimento da Lavoura.

Nós sabemos bem que «Lavoura a pobre, país pobre», pelo menos nas actuais circunstâncias.

Enquanto não nos venceremos destas realidades, marcamos passo.

Falará hoje por nós o seu Deputado, P.º Domingues Basto, filho de lavradores, e antigo professor de Sociologia no Seminário Maior de Braga e transcrevemos, por isso, algumas das passagens do seu primoroso discurso no Parlamento, sobre os momentosos problemas, gado, vinho e milho.

CRISE GERAL

O seu autor diz estas palavras: «O Minho tem sido objecto dos maiores desprezos e vítima das maiores extorsões, não da parte do Governo, mas sim da parte da usura e do hipercomercialismo, que durante a guerra fez no Minho aquilo que quis e que pôde e que não era o que a moral permitia que se realizasse.

Neste momento, em que as populações rurais do Minho não tem poder de compra, eu peço para elas empréstimo; e, se a Caixa Geral de Depósitos não dispõe hoje de numerário, há organismos de coordenação económica, muitos dos quais conseguiram grandes somas com a lavoura, que se encontram em condições de lhe poderem fazer empréstimos na presente ocasião.

A Junta Nacional do Vinho, a Federação Nacional dos Produtos de Trigo e ainda outros organismos que da lavoura obtiveram os recursos de que hoje dispõem, podiam neste momento, e é necessário que o façam, conceder crédito aos grêmios da lavoura para que estes concedam poder de compra para milho aos seus associados...

GADOS

Não houve para as populações rurais do Minho nem milho, nem feijão, nem batatas. Os dois únicos recursos de que as populações rurais dessa região dispõem, ou podem dispor, são os gados e o vinho, mas a política de gado tem sido orientada, não sei por culpa de quem, de tal maneira que nós verificamos isto: gado baixo, carne alta: pequenos aumentos do preço do gado e imediatamente grandes aumentos de preço da carne, sem ninguém cuidar de garantir um preço mínimo compensador ao lavrador minhoto que criou o seu gado e preparou, portanto, a carne para o talho.

Neste momento dá-se até este facto estragante, verdadeiramente esquisito, que eu não sei explicar: abundância de gado nas feiras do Minho, preço baixo para os gados, e os talhantes ou marchantes a dizerem que não têm margem entre o preço do gado e o preço da carne para servirem carne ao público.

E o seu Deputado, P.º Basto, pede se criem novas zonas de criação de gados, matadouros, donde sejam conduzidas as carnes em frigoríficos para os grandes centros populacionais, e isto, em vez desses verdadeiros palácios da cidade, matadouros, por vezes desertos.

VINHO

«Outro recurso do lavrador do Minho é ainda o vinho. O lavrador minhoto é tão sóbrio na sua alimentação e tem um nível de vida tão baixo que mistura água no vinho que bebe, para poder vender o bom vinho da sua colheita e fazer, assim, alguma coisa para aguentar o seu casal agrícola.

Mas verifica-se que ao lavrador minhoto se criam todas as espécies de dificuldades para a venda do seu vinho.

No tempo que meditou

entre as duas últimas guerras chegou a vender-se uma pipa de vinho de Monção por 100\$, que não pagavam os trabalhos do grangeio e da cultura.

Pois essa pipa de vinho para entrar no Porto, que é região de vinhos verdes, tinha de pagar 300\$. E, assim, aquilo que na origem era pago ao lavrador por 100\$, era servido por 500\$, ao consumidor do Porto, que deste modo, não podia suportar um tão alto preço. Isto em homenagem àqueles organismos de coordenação económica de que há dias falou o ilustre Deputado Sr. Dr. Santos da Cunha nesta Câmara.

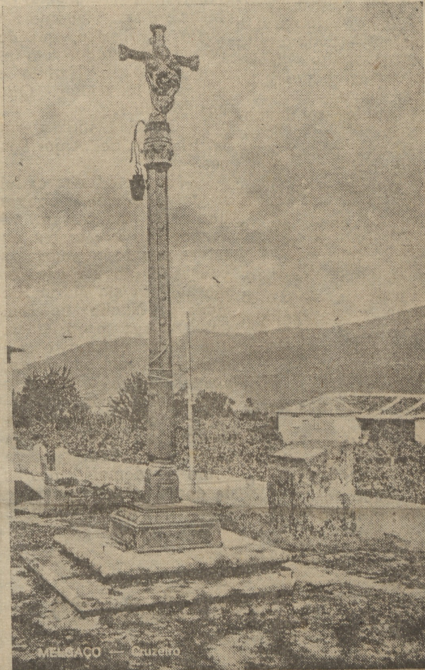
Mas há pior ainda, Sr. Presidente e Srs. Deputados.

Uma lei recente, o Decreto-Lei n.º 37.742...

MILHO

«Resta ainda dizer que não basta assegurar milho

(Continua na 4.ª página)



Cruzeiro de S. Julião

Efemérides

Em 3 de Maio de 1896, este sorteio porque as opiniões dos Irmãos da Ordem estavam divididas. Queriam que o referido convento fosse edificado nas Carnalhas, outros optavam pelo sítio da Calçada. Favoreceu a sorte o primeiro local, onde de facto veio a ser erigido, numas terras que então pertenciam a Manuel da Silva, capitão-mor da Pica, que, de muito má vontade, as cedeu por 500.000 reis.

Em 5 de Maio de 1895, junto ao posto de Maranhão, em Penso, foi lançada ao rio Minho uma barca de passagem, pertencente a João Esteves Cordero, Maxiano Fernandes Pereira, José Xavier de Castro e Tomás José de Magalhães, hospício dos Falciscanos nesta Vila. Procedeu-se a

(Continua na 3.ª página)

Melgaço pode orgulhar-se de alguns dos mais belos monumentos de arte.

Com a chegada do verão, muitos visitantes passam nestas estradas de maravilha, a muitos deles prendem-se apenas a beleza da paisagem, ignorando por completo a história e a arte que tão prodigamente os nossos maiores aqui deixaram como testemunho de fé e de beleza aos vindouros.

Em geral, despreza-se bastante o caso turístico local. A parte alguns carolas, a grande maioria distra-se com maravilhas e não cuida de aprender a sua história.

Pela nossa parte, gostaríamos de formular um voto — o de que todos os visitantes da nossa terra, encontrassem onde se inteirar a propósito das nossas belezas e da nossa história.

Cremos bem que Melgaço ainda não se preocupou bastante com explorar as imensas riquezas da sua zona de turismo. Não lhes parece?

PELA NOSSA TERRA...

DA VILA E ALDEIAS

O TEMPO E A AGRICULTURA

«Abril ffo e molhado enche o celeiro e farta o gado» — Isto di-lo o anxim. Quere-nos parecer, porém, que as geadas caídas da noite de 15 para 16 do corrente tenham feito das «suas», muito especialmente nos vinhedos e pomares.

Os centeios continuam com aspecto soberbo e agora o que pedem é calor, muito calor.

As vinhas rebentaram bem e deixam ver muitos cachos mas daqui até ao S. Miguel... vejo dias a gra nel...

Os batatais também agradam, no entanto o celeb rrimo «escaravelho» do Colorado já fez a sua aparição, pelo menos no batatal do «Cronista».

Já começaram as sementeiras do milho nas terras de cima.

Até à data, não nos consta que a já célebre «rosca», tenha causado graves danos nos nossos vinhedos; e, ainda bem.

MERCADO SEMANAL

Teve boa concorrência o mercado semanal realzado no pretérito dia 22 nesta vila.

Informa-nos a nossa diligente «reporter» que os principais produtos expostos custavam:

Centeio alqueire (30 litros) 81\$, batata-semente, idem 70\$, batata nova, quilo 2\$70, cebolas, idem 5\$00, galos, galinhas e frangos a partir de 30, 25 e 15\$00, cada, respectivamente, ovos, dúzia, 7\$50, cebolas, para plantar, à rasão de 1\$00 o cento, couve trouchada, também para plantar, a 3\$00, idem, e abundância de hortaliças a preços acessíveis.

Fiaões, 26

No dia 7 do corrente enterrou-se no cemitério desta freguesia Bento Manuel Gregório, soldado da Guarda Fiscal, do posto de Portelinha, que no dia anterior naquela localidade fora involuntariamente atingido na cabeça por um projectil partido da arma que lhe estava distribuída.

Sentidos pésames aos doridos.—C.

(Continua na 4.ª página)

Prado, 23

Em a nossa última correspondência, por lapso, noticiamos ter chegado de Lisboa o sr. Claudino Augusto de Castro, quando na verdade quem veio foi seu irmão sr. Emídio e não aquele senhor. Que nos desculpe.

— Foi a Lisboa a sra. D. Fláviana dos Anjos Soares.

— Na pretérita terça-feira, talvez devido às chuvas que nesse dia caíram, talvez devido à vetustez, ou talvez devido a ambas as causas, desabou a casa de morada da tia Maria Florinda «do Nacho», dos Bous. A sua proprietária que ficou entre os escombros, e foi tida por morta, apenas sofreu o susto, e já não foi pouco.

— Apresentam-se de magnífico aspecto os batatais desta freguesia, bem como as demais culturas da época. O tal «escaravelho» é que já por cá anda.

—C.

S. Pato, 20

Com grandiosa assistência, realizou-se, no passado dia 16, no antiquíssimo lugar do Barral, a festividade em honra de Nossa Senhora dos Prazeres (vulgarmente denominada do Amparo), constando de missa solene, uma esplendorosa procissão que percorreu o itinerário do costume, sermão e arraial, tudo abrilhantado pela afaçada banda de Melgaço.

— A visita pascal decorreu num ambiente de grande alegria. Em todos os lugares, o divino crucifixo do era recebido com grande alegria.

— Partiu para Castelo do Bode o nosso conterrâneo Manuel Almeida, da Carpinteira.

— Deu à luz um ridente menino a sra. Sara Alves, esposa dedicada do sr. José Amaro Pereira (Travessa), da Carpinteira. Mãe e filho encontram-se bem.

— De visita a sua querida tia Guilhermina, esteve no Pombal a sra. D. Adelaide Gonzales.—C.

Parada do Monte, 23

Falecimentos — No dia 22 de Março Rosalina Esteves, solteira, do lugar do Pereiral, e no dia 28 do mesmo faleceu sua Mãe Libana Esteves. Também no mesmo mês faleceu a sra. Rosa Esteves, esposa sr. Justino Pires, também do mesmo lugar.

No dia 2 de Abril a sra. Florinda Pereira do lugar de Cortegada. No dia 10 de Abril a menina Rodrigues filha do sr. José Rodrigues e da sra. Pureza Alves, do lugar do Casal.

— Foi assumir o seu posto na freguesia de Santazia no concelho da Barca a sra. Glória de Jesus Esteves, em comissão na escola da aquela freguesia.

— Também partiu para Braga o Seminarista Justino Afonso.

A ambos desejamos-lhe boa viagem.

— Tem feito bastante frio, parecendo que estamos em pleno mês de Janeiro.

— Temos a grata notícia de informar os nossos leitores de que se formou nesta freguesia um grupo musical de Gaiteiros, o qual se denomina, Grupo Gaiteiros de Parada do Monte. São executantes o sr. Justino Vieites Machado que toca bombo e pratos, o sr. Manoel Esteves do Cabo que toca caixa e os sr. Oliveira de Carvalho que toca gaita.

Conta este grupo com mais alguns elementos. Temos assistido a alguns ensaios, e satisfazem plenamente.

Desejamos a este conjunto as maiores prosperidades.—C.

Rouças, 24

Faleceu ontem em Corções a sra. Angelina Alves, mãe do estimado regedor desta freguesia, sr. Luiz Fernandes. Paz à sua alma.

— Partem hoje para Braga os seminaristas desta freguesia.

— Continua a lavar-se intensivamente e são alguns os lavradores que estão a fazer as suas experiências com milhos americanos.

(Continua na 3.ª página)

Alvaredo, 26

Devido ao estado precário em que se encontram duas fontes, sendo uma que abastece o lugar da Sobreira e outra o lugar das Bouças, tem necessidade urgente de reparação, para não termos que lamentar casos epidémicos, como seja o principal motivo. Chama-se a atenção dos Srs. Presidente da Câmara e Delegado de Saúde para que sejam dadas as providências que o caso requer, para bem da humanidade. Roga-se às Ex.mas Entidades o favor de se deslocarem a esta freguesia, para se inteirarem do caso em questão, e assim receberem com urgência os respectivos melhoramentos de que carecem.

— Pelo nosso amigo comerciante, sr. José Barbosa Martins, foi requisitado, no mês de Fevereiro, à C. T. T., uma cabine telefónica, melhoramento este que vem beneficiar esta localidade. Felicitamo-lo pela iniciativa, e que todos saibam corresponder ao seu empreendimento.

— Celebrou-se na igreja paroquial o batizado de um filho de Gaudêncio Fernandes e de Agueda Martins, servindo de padrinhos o sr. Valeriano Guimarães Bessa e a sra.

D. Virginia Esteves, recebendo o recém-nascido o nome de Carlos. Aos pais muitos parabéns.

— Vindo de Lisboa, e para onde já se retiraram, vimos aqui o nosso preso do amigo sr. José Candido de Sousa Lobato, com sua esposa e genitis filhas, os quais vieram passar as festas da Páscoa, junto de sua família.

— Partiram para Braga, os estudantes do Seminário, que vieram passar as festas da Páscoa com suas famílias.

— Faleceu, no lugar das Bouças, vítima de uma pertinaz doença, o nosso conterrâneo sr. António Domingues, sogro dos nossos amigos sr. Carlos Barbosa Martins, residente em Lisboa, e do comerciante nesta localidade, sr. José Esteves. A família em luto apresentamos sentidas condolências.

— Tenho o prazer de saudar o ilustre confrade, correspondente em Alvaredo do jornal «Notícias de Melgaço», fazendo votos para que a sua correspondência tenha o sentimento meritório, com a consideração atenta, principalmente sobre as necessidades da nossa freguesia. São estes os meus votos.

— A's Ex.mas Autoridades se pedem energias

(Continua na 3.ª página)

A SAMARITANA

DE

Hilário Alves Gonçalves

PRAÇA DA REPUBLICA — MELGAÇO

(Casa fundada em 1927)

Lanifícios para fatos de homem; Fazendas de lã e de seda, para vestidos e casacos de senhora; Fantasias e tecidos de algodão das ultimas novidades; Camisaria; Gravatas; Chapéus Guarda-sois; Calçado para homem, senhora e criança; Malhas e Miudezas; Perfumarias e artigos de Beleza; Brinquedos e Bijouterias; Artigos eléctricos e T. S. F.; Papelaria e artigos para escritório; Confeitarias; Mercarias, Vinhos finos e Espumoso

Correspondente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»

— Encarrega-se de instalações eléctricas — A máxima seriedade nas suas transações.

SOCIEDADE A ROMARIA DA PENEDA

NOTÍCIAS PESSOAIS

E MAIS AS OUTRAS...

X

(Continuação do número anterior)

De Lisboa, onde se en-
contra bastante mal de
saúde, regressou o nosso
estimado amigo sr. Duarte
Augusto de Magalhães, da
Casa da Calçada. Deseja-
mos-lhe rápido e completo
restabelecimento.

—Encontra-se entre nós
o sr. Abel Durães, muito
digno capitão da Armada.

—Foi ao Porto a sr.a
Lindalva Tabuas de Gal-
vão.

—Vindo da Africa por-
tuguesa, acompanhado de
sua virtuosa esposa, che-
gou a esta vila o sr. Herme-
nejildo da Mota Solheiro.

—A passar a Páscoa
com os seus, vimos aqui o
sr. Manuel Salgueiro da
Cunha e sua Ex.^{ma} esposa.

—Retirou para Lisboa
a sr.a D. Ana de Araújo,
filha do nosso estimado
amigo sr. Sebastião de
Araújo.

—Também retirou com
sua estremecida família
o sr. Manuel Contente de
Sousa, inteligente escriturá-
rio da C. P. no Entronca-
mento.

—Com sua esposa e fi-
lhinha, regressou a Joane,
Famalicão, sr. dr. Alvaro
Ribeiro Marinho, distinto
clínico naquella localidade.

—Também o nosso esti-
mado amigo sr. Ferreira
da Silva já regressou ao
Porto.

325 § 1 O Concílio proíbe
que por ocasião das
festas se realizem no
adro ou junto à igreja
bailes e espectáculos,
o que a maior parte
das vezes faz grave
injúrias a Deus

§ 2 Porque muitas ve-
zes as bandas de mú-
sica dão ocasião a
divertimentos que pro-
fanam de algum modo
as festas religiosas,
procurem os párocos,
tanto quanto possam,
que ellas não sejam
chamadas para as fes-
tas.

§ 3 Por igual motivo,
procurem que não se
façam por ocasião das
festas leilões ou rifas.
326 Não sejam admitidos
nas festas religiosas as
bandas de música que
tenham tomado parte
em funções reprovadas
pela Igreja, como

são, por exemplo, os
ente-ros civis.

327 § 1 Não se celebra fe-
sta alguma sem consenti-
mento e direcção do
pároco ou reitor da
igreja(...)

§ 3 Em igualdade de
circunstâncias con-
videm-se os clérigos que
residem na paróquia.
Daqui se ve que quem
se revoltou contra o pro-
ceder dos Mesários na ro-
maria da Peneda se revoltou
contra a disciplina de-
cretada por todos os Bis-
pos de Portugal. Revoltar-
se contra os Bispos é re-
voltar-se contra a Igreja.

É certo que em algumas
partes ainda se toleram
certos costumes contrários
a esta disciplina, mas a pou-
co e pouco elles irão desa-
recendo, desde que haja
boa vontade.

O que se precisa é
compreensão das coisas.
Riba de Mouro 10 de
Abril de 1950.

P.e BERNARDO

Alvaredo

(Continuação da 2.a página)

providências sobre os ban-
dos, que por aqui pairam,
de gado lanigero e capri-
no, devendo já estar nos
montes altos desde Março a
Setembro, conforme rezam
as posturas da Junta desta
freguesia. No momento
actual só acarretam graves
prejuizos na vinha e se-
menteiras.—C.

Loduvina

Martins

Dentista

Consultas em Monção,
todas as Sextas e Sábados.

Efemérides

(Continuação da 1.a página)

tados da referida freguesia
de Penso. A nova barca re-
cebeu o nome de «Estrela»
e o «bora-fora» foi abrihan-
tado pela típica gaita del-
paiz, assinalado por copiosi-
simo foguetório, comes-e-
-bebes, etc. etc.

Agora uma coisa que eu
lhes não sei dizer é até
quando brilhará esta «estre-
la»...

Em 7 de Maio de 1894,
reuniram-se em Monção os
drs. António Pereira de Sou-
sa e António Joaquim Du-
rães, Victorino dos Santos
Lima e Manuel Joaquim de
Sousa e Castro Moraes Sar-

mento, da Casa do Pombal,
com os outros proprietários
das Agnas da Pêso, afim
de se constituírem em socie-
dade explorada das mes-
mas.

Em 15 de Maio de 1757,
finou-se santamente na vila
de Melgaço o opulento e vir-
tuoso comerciante Silvestre
Teixeira Torres, primeiro
sindico do Convent^o hospício
de N.a Sr.a da Conceição
das Carvalhas, e a quem
—pode afirmar-se—se deve
o estabelecimento da Ordem
Teixeira neste concelho e
um dos que mais contribui-
ram com doações pecuniá-
rias para a fábrica do referi-
do convento.

Silvestre Teixeira Torres,
ou melhor Silvestre Teixei-
ra, morava na primeira me-
tade do século XVIII no
Campo da Feira de Fora,
desta vila, mais ou menos
onde hoje é a Praça da Re-
pública. Foi amonilhado no
hábito de S. Francisco, e,
metido na tumba da Santa
Casa da Misericórdia. Qua-
to mendigos o levaram ao
dito convento onde ficou se-
pultado à porta da sua sa-
cristia, do lado de dentro,
e sobre cuja campa, dois
anos mais tarde, mão pie-
dosa gravou a cinzel o
seguinte epítáfio:

AQUI JAZ DE-
POSITADO
SILVESTRE THE
IX. TORRES PR
M.º SINDICO QVE T^o
I DESTE CONV. T^o
NA ERA DE 1759

Mário

FOLHETIM DE « VOZ DE MELGAÇO » 14

REI OU IMPOSTOR

Crónica portuguesa por J. T.

Com effeito, senhora
—respondeu o angustia-
do— sinto a saúde não
pouco quebrantada, e, não
é por mim que isso me dá
cuidado, porque espero que
o Sr. Senhor me envie
se dignar tomá-los em
desconto dos meus pecca-
dos. Entretanto a tranqui-
lidade dum reino, a felicida-
de de tantos milhares
de portugueses, o sangue
derramado já, e que ainda
se pode derramar, me afli-
gem e pungem o coração.

—Pois quê perguntou
D. Ana, sobresaltada—
ameaça-nos alguma nova
guerra, está sua magestade
em perigo, ou corre cousa
semelhante?

—Não, senhora, tranqui-
lizai-vos. Nada do que
imaginai nos ameaça por
ora. Mas lembrai-vos que
sou português, e que gran-
de é o amor que um por-
tuguês professa a seus mo-
narcas e a toda a real
família, e que não posso
deixar de sentir não conti-
nuasse no trono aquella
ilustre descendência. Tal
vez quando queira reme-
diar-se este mal, seja dema-
siado tarde, porque a vida
dum homem fugitivo, es-
condido, errante, está sem-
pre exposta.

—Por Deus! meu padre
—exclamou D. Ana d'Aus-
tria— pensai ainda em
favorecer os sonhos e im-

prudente empresa do bas-
tardo prior de Crato?

— Senhora, bastantes
provas tem já el-rei católi-
co de que abandonou a cau-
sa de D. António, contra
quem a justiça da terra e
fortuna se declararam com
demasiado rigor.

—Então não vos com-
preendo. Mal posso atinar
quem seja esse homem es-
condido e errante, pela
existência do qual temeis,
que vos inspira tanto inte-
resse, que nem que com
ele se pudesse remediar o
que por Deus foi disposto,
que a dinastia reinante em
Portugal acabasse no des-
graçado e valente rei D.
Sebastião.

— E se não fosse certo
que essa dinastia tivesse
acabado? — tornou fr. Mi-
guel dos Santos, aplaudin-
do-se exteriormente da di-
recção que conseguira dar
a esta conversação, de que
procurava tirar um partido
desconhecido.

—Mas essa suposição é
absurda, quando já nin-
guem duvida da trágica
morte de D. Sebastião nos
campos de Africa. Não
tendo filhos, a sua descen-
dência acabou nele.

—Pois eu fuzido dessa
morte, senhora, e, ainda
acrescentarei mais, tenho
tantas provas, tantos moti-
vos pa' a crer que D. Se-
bastião vive...

—Como! — exclamou a
monja surpreendida — el-
rei de Portugal meu pri-
mo?... podeis crer que não
morreu na batalha? enga-
nar-me-eis? Não posso com-
preender esse enigma! Ex-
plici-vos fr. Miguel. Tirai-
me desta ansiedade, que
me faz divagar a imagina-
ção sem entender o que
dizeis.

— Fora crime mentir-
-vos na mais íntima confi-
dência. Sou incapaz de
enganar-vos, mas também
me não atrevo a declarar-
-vos abertamente o que

há no assunto. A menor
indiscrição, a palavra mais
insignificante, podiam com-
prometê-lo gravemente.

—E tereis coração para
deixar-me atormentada
com semelhante incerteza?
Por Deus, explicai-vos. Di-
zei-me ao menos se D. Se-
bastião vive.

—Senhora, que poderei
negar-vos? Conto, porém,
com a vossa prudência. Já
que decais saber a verda-
de, prometi-me que a
ninguém falareis deste
assunto, nem fareis a mi-
nima cousa sem consultar
des comigo.

—Prometo-o por minha
fé e se é certo que D. Se-
bastião vive, e se acha
escondido, gostosa sacrifi-
carei quanto possuo e va-
lho para vê-lo outra vez no
trono que tão dignamente
ocupava.

(Continua)



LVII — Castro-Laboreiro e o seu pelourinho

AO MEU ANTIGO PROFESSOR
SNR. ABILIO DOMINGUES

Quando passo por Melgaço gosto de me encontrar com o Sr. professor Abílio Domingues. Ele foi o meu primeiro professor e não sei se a minha humilde pessoa pertencerá ao número dos seus primeiros alunos.

O professor Abílio Domingues, tal qual como as illustres mães, tem sempre na ponta da língua esta pergunta:

— Então quando volta a escrever de Castro? Não admira. Estes meus parentes nunca esquecem a sua terra de origem. Eu também não.

O professor Abílio, há trinta anos, teve a seu cargo a escola oficial da via de Castro-Laboreiro. Eu era criança e fui seu aluno um mês. Em seguida veio uma professora para a Peneda e eu fui para lá, onde tinha dois maternos, porque em ambos os casos tinha de morar fora da casa de meus pais.

O professor Abílio era novo e cheio de vida. Muitas vezes se esforçou por me arrancar a pronúncia do ç e do z, com paciência de santo, sem o conseguir.

Quando era preciso impunha-se. De uma vez, por causa de os rapazes de Pedroso e os da Além andarem à balha e à pedrada, quebrou a palmeira. Não lhes digo nada, mas eu já não sabia de que terra era, apesar de nada ser consigli...

O professor Abílio e mais outros rapazes lá da terra publicaram um jornal, A NEVE, que deu que falar. O Sr. professor Abílio Domingues não se esqueça da coleção que me prometeu. Este jornal, segundo me informaram, desenvolveu grande campanha, reivindicar para a freguesia a casa que fora da Câmara de Castro-Laboreiro.

Essa casa, depois da extinção do concelho, serviu de escola, arruinando-se a ponto de ser a escola transferida para a casa da sacada, frente à residência paroquial.

A Câmara de Melgaço em vez de reparar, a antiga *Dominus Municipalis* resolveu pô-la em almoeda.

A campanha de «A NEVE» vingou...

...Uma noite de temporal a casa alagou-se...

Por fim foi concedida a freguesia e mais tarde reconstruída para escola.

Por esse tempo havia também em Castro uma assembleia de distração. Era na casa que pertence a Sra. Ana Macheta. As tres letras P. S. C. postas nos vidros da sacada indicavam ao público que era ali a sede do Primeiro Sport Clube. Havia jogos, aramofone, leituras, e não sei que mais. Não lhes parece que Castro Laboreiro queria marcar?

Foi há um ano, por ocasião da Páscoa. Eu tinha ouvido falar no pelourinho de Castro mas não sabia onde jazia. O Pe Anibal Rodrigues, zeloso pároco de Castro, abriu a porta da casa onde o professor Abílio deu escola e foi mostrar-me, colocado em padieira sobre dois cachorros a servir de base à chaminé. Trata-se da coluna mutilada a que tiraram o capitel.

Onde parará a base ou pedestal que deveu ter sorte idêntica?

Desde 1920 nunca mais tinha entrado naquela casa. Recordo o meu tempo de criança e por isso não pude deixar de recordar a passagem do Sr. professor Abílio Domingues por esta escola, dedicando-lhe o pouco que pude apurar do pelourinho que ali se encontra.

Bernardo Pinhor

(Continua)

Fiaes, 26

(Continuação da 2.ª página)

— No dia 20 realizou-se na capela de Adedela os officios pela alma de Bento Manuel Gregório, guarda fiscal, falecido no dia 6, no lugar de Portelinha, Castro Laboreiro, e foi conouziado o funeral para o cemitério de Fiaes, onde pertencia.

— No dia 24 realizou-se na mesma capela, missa do 30.º dia, por alma de Maria das Dores Marques, do lugar de Adedela.

— Chegou há dias, vindo da França, o sr. Manuel Vaz, do lugar da Quingosta.

— Vindo de Lisboa, para passar as festas da páscoa com sua familia, regressou no dia 22, para a mesma cidade, onde trabalha o nosso assinante, Abílio Martins, do lugar de Adedela.

— Os trabalhos da lavoura já vêm bastantes adiantados.—C.

Do Alto do Pernidelo Mais um passo!

Carta a um amigo

Amigo Malaquias:

E o resto fica para depois. Muitas saudações do teu.

MÁRIO

Saúde e cordas para a violinha é o que sinceramente te desejo; nós cá vamos trilhando esta via dolorosa semeada de espinhos e abrolhos...

Por motivos de força maior, só hoje respondo à tua estimada carta. Desculpa o atraso.

Com respeito ao que pretendes — conhecer as lendas da nossa terra — sou a dizer-te que não sou bem a pessoa indicada para te falar do assunto. Conheço, contudo, algumas lendas e entre elas a do «Lagarto» de Lamas que tal como a ouvi *in loco*, e sem mesmo lhe acrescentar o sacramental «ponto», assim te transmito; e fica desde já sabendo que não pagas nem um centavo por ela; pois, como muito bem sabes, eu fui sempre assim... um autentico *mãos rotas*...

Ora aí vai: Em tempos que já lá vão, havia nas imediações das Chã de Lamas um monstruoso lagarto que todos os anos vitimava pastores eromeiros que por ali passavam com destino ao Santuário de Nossa Senhora da Peneda.

Certo dia, porém, aconteceu passar por ali uma pobre mulherzinha, que não se sabe bem se era devota ou pegueira, a quem o terrível saurio acometeu. Imagina, meu Malaquias, o susto da infeliz num supremo esforço arrancou da cintura a sua arma de defesa, isto é, uma... roca de que andava munida, e descarregou dois tremendos golpes na «cachola» do animal, aniquilando-o completamente e transformando-o em pedra.

Cre-se que esta pobre zinha era a Virgem Nossa Senhora.

Eis, caríssimo Malaquias, a lenda do «Lagarto» tal como eu a ouvi da boca daquela boa gente: ser rana, há bons vinte e cinco anos.

Até aqui a lenda; como, porém, estou com o assunto em mãos aproveite e acrescentarei que a Portela do Lagarto tira o nome daquele penhasco que se acha no ocuro da montanha, do lado leste, o qual, visto cá de baixo, tem realmente a configuração tosca do repugnante e asqueroso réptil. É ponto trigonométrico e tem a cota 1206 metros, acima do nível do mar.

Conselhos úteis

— Em Maio os industriais do grupo C. fazem reclamações contra o volume das transacções fixadas pela comissão das freguesias.

Até 15 também se apresentam certidões do estado da causa nas reclamações dos impostos sobre as applicações de capitais, para averbamento dos manifestos, sob pena de multa igual ao imposto.

— Quanto aos trabalhos agrícolas, é agora uma ótima ocasião para se meçar: aboboras, agriões, aipo, alfaces, beterrabas para salada, cenouras, couves diversas, incluindo o couve-flor e bróculos, espinafres, ervilhas, feijões, melancias, melões, mostarda, pepinos, rabanetes, salsa, etc.

— Nas terras de regadio ainda se plantam batatas e fazem-se as sementeiras do milho.

— Enxofração e sulfatação das vinhas e dos batatais.

— Frequência de regas (nas hortas) sachas e mondar a miúdo os alfobres e plantações.

— Pelo amor de Deus, não se descuidem com o tratamento do vinhinho, tenham sempre à mão um antifermento em condições para os rebustecer e não estarmos sujeitos a beber uma mijoca indecente como veridial.

Uma chuva de Maio e duas de Abril valem por mil.

Livros

CIENCIAS E ARTES

ROMANCES

sempre grande variedade

LIVRARIA

Diário do Minho

(Continuação da 1.ª página)

colonial às populações de Entre Douro e Minho, mas é absolutamente indispensável garantir-lhe empréstimos, porque lhes falta em absoluto o poder de compra.

É neste ângulo e sobre este aspecto que se apresenta a crise rural na provincia do Minho.

Um dia, na Academia Francesa, ao fazer-se a distribuição dos prémios de virtude daquela Academia, o grande académico Marcel Prévost pronunciou estas palavras: «Ai da França quando os trabalhadores das suas fábricas forem e m maior número do que os trabalhadores do campo».

Ai de nós, ai da ordem social, no dia — posso dizer-vos também — em que as familias agrícolas se proletarizarem. É o Minho; Sr. Presidente e Sr. Deputados, corre na verdade este perigo grave.

É de todos conhecido de, no tempo que mediou entre as duas últimas guerras, todos os domingos serem postos em leilão, à porta dos tribunais das comarcas do Minho, os patrimónios agrícolas da grande parte das familias daquela provincia.

E a proletarização, nesse tempo que mediou entre as duas últimas guerras, assumiu tais proporções que, por vezes, não aparecia quem concorresse a esses leilões dos patrimónios das familias agrícolas, tendo o Estado de ficar elas e de serem, assim, incorporadas na Fazenda Nacional.

Eu não quero, e ninguém quer, com certeza, que o Minho e outras provincias de pequena propriedade, como as Beiras e Trás-os-Montes, venham, por falta de créditos e de assistência, por meio de empréstimos às familias agrícolas, a enconstrar-se, neste momento, em situação igual àquela ou a correrem um risco semelhante.

Como jornal da provincia, feito num meio rural e por filhos de lavradores, sentimos como são postas as palavras do antigo e saudosos Professor, P. E. Bastos.

Damos-lhe o nosso inteiro aplauso e colaboramos com o governo na obra do ressurgimento da Lavoura.